



MUSEU DE ARTE DO RIO



CARYBÉ, *Embarcações com Índios* (Embarkations with natives), 1965.
Óleo sobre madeira (Oil on wood) Governo do Estado do Rio de Janeiro | Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa | Fundação Anita Mantovani de Artes do Estado do Rio de Janeiro | Museu do Índia | Coleção (Collection) Banerj

O Ministério da Cidadania, a Prefeitura da Cidade do
Rio de Janeiro e a Secretaria Municipal de Cultura
apresentam



THE RIO OF NAVIGATORS

Curadoria *[Curatorship]*

EVANDRO SALLES

FERNANDA TERRA

MARCELO CAMPOS

POLLYANA QUINTELLA

Maio de 2019 — Março de 2020

May 2019 — March 2020



ANTES, O CÉU

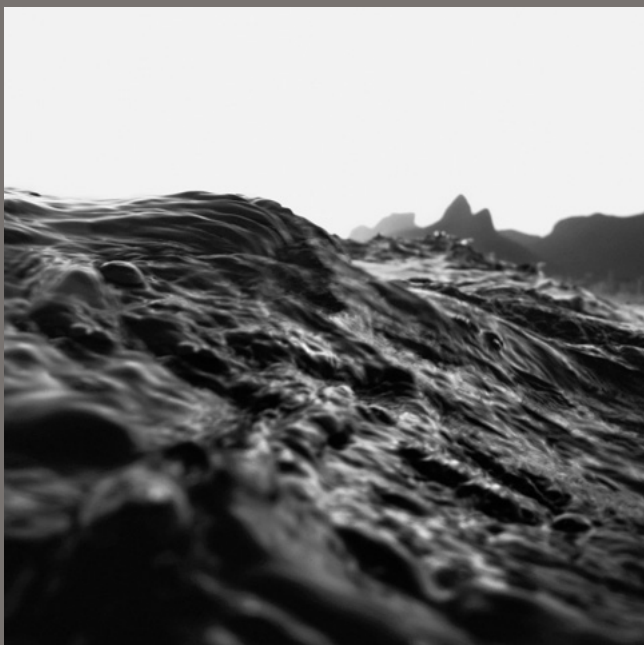
Desde a mais longínqua antiguidade, em todas as culturas e civilizações, as estrelas do céu, com suas surpreendentes e delicadas transformações na medida do passar do tempo cósmico, são o instrumento maior de conhecimento do espaço onde vive e se movimenta o homem. Não há percepção correta e plena dos grandes movimentos na superfície da Terra sem o referencial astronômico. Não teria havido navegação nos mares sem o conhecimento das estrelas, sem a visão circular do céu mapeado pela localização infalível dos astros. Sem o complexo e sofisticado conhecimento do céu, não se desenhariam caminhos em um mundo feito apenas de água e horizonte. Verdadeiramente, a grande descoberta dos europeus na era das navegações não foi de terras e continentes, mas de um novo céu, aquele pontuado pelo Cruzeiro do Sul, aquele que cobre e revela um outro, um novo mundo, a partir de então invadido e subjugado.

Redizendo, então, o mais antigo ditado, aquele tomado pelo poeta (em) português:

Navegar é de extrema precisão, viver não.

ANTONIO DIAS, *Anywhere is my land*, 1968. Tinta acrílica sobre tela (Acrylic paint on canvas) Cortesia de (Courtesy of) Nina Dias, Rara Dias e Paola Chieregato





MARCOS BONISSON
 1. *Mararpex # 5*, 2011
 2. *Mararpex # 12*, 2009
 Fotografia digital -
 Pigmento mineral
 sobre papel algodão
 (Digital photography -
 Mineral pigment
 on cotton paper).
 Coleção (Collection)
 Marcos Bonisson

Um Rio de Janeiro desde sempre vocacionado para ser portal do Brasil é o que nos revela a exposição Rio dos Navegantes. Brasilidade e carioquice emergem deste profundo mergulho que o MAR nos proporciona em uma Baía de Guanabara de histórias seculares e estruturantes de uma cidade que é sinônimo de Brasil.

Porto de chegada de imigrantes e povos escravizados. Território de conflito com os povos indígenas. Porto de partida para uma cultura rica e complexa, que ainda hoje busca assimilar e entender tantos fluxos e influências, contrastes e encontros de povos, crenças e modos de viver.

A exposição reúne obras de arte, objetos históricos, documentos e fotografias para celebrar a história, mas também para valorizar a memória e provocar reflexões. A Prefeitura do Rio convida todos a embarcarem nesta viagem, única e desbravadora, que o Museu de Arte do Rio oferece, a partir de agora, aos seus visitantes.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DO RIO DE JANEIRO

O AMOR E O RIO

Agora, inauguramos nosso terceiro caminho, terceiro beijo soprado, terceira carta de amor, terceira exposição de motivos para chamar o Rio de Janeiro de cidade linda, maravilhosa, amada. E tudo veio com o amor do MAR por suas paisagens eternizadas nas aquarelas de Le Corbusier, por sua gente revelada nos óleos de Di Cavalcanti, por seu cotidiano transpirado nas fotografias de Kurt Klagsbrunn.

Primeiro, foi o *Rio de Imagens*. Ainda em 2013, quando o MAR renovou o cais e mostrou que nossa história é a de uma Guanabara que continua a ser inventada e que se mostra, baía, sempre estrategicamente capaz de favorecer a formação de uma cidade marco.

Depois, foi *O Rio do Samba*. Recentemente, em 2018, quando atabaques, violões e sopros vieram para explicar como a vida forjada no som e na ginga das gentes pode definir uma cidade trepidantemente maravilhosa.

Agora é *O Rio dos Navegantes*, em que vidas são contadas, descritas, sentidas.

Tudo para que, mais à frente, no entorno pulsante desta baía, deste lugar, e em sua periferia incansável, a história do Rio de Janeiro – porto e porta do Brasil – se torne ponto onde povos se cruzam e se encontram, local de conflitos armados e desarmados, paisagem de doces e lúdicas configurações de mitologias permanentes. Então, com o Rio de Janeiro ao alcance de nossos olhos e corações, poderemos cantar e dançar em homenagem à diversidade e à tolerância de uma cidade que só se sustenta na razão do amor.

Com vocês, fecha-se o círculo: **IMAGENS, SAMBA, NAVEGANTES**. Uma trilogia de paixão e respeito que o Odeon dedica ao MAR e ao Rio. Obrigado!

CARLOS GRADIM

Diretor-presidente do Instituto Odeon

MANUFATURA
GOBELINS (GOBELINS
MANUFACTORY)
O combate dos animais
– *A anta e a onça* (The
battle of the animals –
The tapir and the jaguar),
[1723-1730]. Tapeçaria
(Tapestry) MAR – Museu
de Arte do Rio | SMC
RJ | Fundo Fundação
Roberto Marinho





PEDRO DAVID
 1. *Coroa Austral*
 (The Southern Crown)
 2. *Cruzeiro do Sul*
 (The Southern Cross)
 3. *Triângulo Austral*
 (The Southern Triangle),
 2019. Fotografia
 digital impressa com
 pigmentos minerais
 em papel revestido de
 barita, pregos de aço e
 fio metalizado (Digital
 photography printed with
 mineral ink on barite-
 coated paper, steel nails
 and metallized wire).
 Coleção (Collection)
 Pedro David

NAVEGAR É PRECISO

É com imensa alegria que o Museu de Arte do Rio apresenta a sua nova exposição. Reunindo vasto material, fruto de extensa pesquisa desenvolvida por uma equipe de devotados profissionais das mais diversas áreas, *O Rio dos Navegantes* abrange um arco estendido de mais de cinco séculos, com obras das mais diversas faturas e abordagens, e desvela um Rio de Janeiro desconhecido em muitos aspectos.

Este panorama de fôlego, articulado por dez núcleos temáticos, contou com o olhar crítico e a sabedoria do historiador e professor Francisco Teixeira, que com paciência, bom humor e doses concentradas de generosidade, provocou e balizou os cortes históricos da mostra.

Rio como porto/porta de muitos, de inúmeros lugares de dentro e do mundo afora. Rio cidade generosa, de história inquietante em constante ebulição, de descobertas, releituras, de vasta produção enaltecida, de imagens deslumbrantes, de literatura laudatória, mas não só. Rio que anima a incessante e impressionante produção de estudos, ensaios, pesquisas que desvendam, por múltiplas vozes e olhares, o corpo, a alma, as chagas, as tragédias, as particularidades desta cidade-mito, que encanta e desencanta por suas intrincadas conformações de convivência, de exclusão e violência.

Mas o Rio, umbilicalmente ligado ao mar, é patrimônio nosso, é paisagem cultural do mundo, é um livro aberto, onde há muito por ser escrito, uma história sem fim à semelhança da galáxia poética de Haroldo de Campos:

“o mar é-se como o aberto de um livro aberto e esse aberto é o livro que ao mar reverte e o mar converte pois de mar se trata do mar que bate sua nata de escuma se eu lhe disser que o mar começa você dirá que ele cessa se eu lhe disser que ele avança você dirá que ele cansa se eu lhe disser que ele fala você dirá que ele cala e tudo será o mar e nada será o mar”.

O MAR, que traz em seu nome a sua cidade-sede, razão maior de sua existência, saúda os navegantes de todos os portos, culturas, crenças e formações, desejando que mais e mais visitantes aqui estejam, aportem e usufruam do patrimônio que é da sociedade, da população carioca. Bem-vindos sejam!

ELEONORA SANTA ROSA

Diretora executiva do MAR

RODRIGO ANDRADE, *Onda azul* (Daido Moriyama), da série *Bicromias* (Blue Wave – Daido Moriyama, from the Bichrome series), 2014. Óleo sobre tela sobre MDF (Oil on canvas on MDF) Coleção (Collection) Isabel Diegues



ARTISTAS NA EXPOSIÇÃO

A.A. Santos	Caetano Veloso	Evandro Teixeira	Hélios	Karl Linde	Nicolas Ozanne	Thierry Frères
A. Correa Costa	Carlito	Fábio Guimarães	Henricus Hondius	Katia Maciel	Nicolas Vallard	Thomas McLean
Acelino Sales Tui	Carvalhosa	Félix Bonfils	Henry Chamberlain	Kelvin Palmer	Orlando Teruz	Thomaz Farkas
Achille Isidore Gilbert	Carlos Adriano	Félix Taunay	Humberto Mauro	Rothier Duarte	Osmar Dillon	Tiago Sant'Ana
Ailton Krenak	Carlos Bippus	Filippone & Tornaghi	Iran do Espírito Santo	Kurt Klagsbrunn	Oswald de Andrade	Vasco
Alberto Botelho	Carlos Julião	Florianio Romano	Isidore Laurent Deroy	Lasar Segall	Oswaldo Goeldi	Virgínia de Medeiros
Aleijadinho	Carybé	Frederico Guilherme Briggs	Ivan Cardoso	Laura Vinci	[P. Ludwig; F. Briggs]	Walmor Corrêa
Alexandre Vogler	Casimiro Ramos Filho	Frei João de Santa Teresa	Ivan Grilo	Le Corbusier	[Paralyticos]	Walter Salles
Alfred Martinet	[Charles-Simon Pradier]	Frei Solano	Jaime Lauriano	Leila Danziger	Paula Trope	Wilton Montenegro
Aline Motta	Cildo Meireles	Friedrich Hagedorn	Jean Antoine	Lopo Homem	Paul Nadar	Wolf Reich
Almandrade	Cláudia Jaguaribe	Friedrich Salathé	Jean Baptiste Debret	Lorenz Fries	Pedro Bruno	Wuelyton Ferreira
Amelia da Silva Costa	Custódio Coimbra	Garcia Bento	Jean-Baptiste Isabey	Luis Bispo	Pedro David	Xavier das Conchas
André Thevet	Daniela Paoliello	George Hunt	João Goston	Luís dos Santos Vilhena	Pierre Verger	Zé Diabo
Ângelo Agostini	Daniel Lannes	George Leuzinger	João Massé	Luiz Baltar	Pieter Godfred Bertichen	Zeh Scherzer
Anísio Medeiros	De Nederlandse Rotogravure Maatschappij	Georg Grimm	Joaquim Lopes de Barros	Mahommah Gardo Baquaqua	Regina de Paula	
Anna Bella Geiger	Detanico & Lain	Georgina de Albuquerque	Joaquim Pedro de Andrade	Malu Fatorelli	René Duguay-Trouin	
Antonio Dias	Dimitri Ismailovitch	Giovanni Battista Castagneto	Joaquim Tenreiro	Marcel Gautherot	Renina Katz	
Antonio Luiz Ferreira	Diogo Andrews	Giuseppe Gianni	Johann Jacob Steinmann	Marc Ferrez	Robert Doisneau	
Antonio Parreiras	Edouard Manet	Glauber Rocha	Johann Moritz Rugendas	Marcos Bonisson	Rodrigo Andrade	
Arjan Martins	Eduard Hildebrandt	Grupo Ingarikó	John Graz	Maria de Andrade	Rogério Reis	
Arlindo Oliveira	Eduardo de Martino	Grupo Karajá	José Christiano Júnior	Martha Niklaus	Rosana Palazyan	
Armando Martins Viana	Eduardo Dias Nunes	Grupo Marubo	José Henrique Fonseca	Max Radiguet	Rosana Paulino	
Arno Malinovski	Eduardo Kac	Grupo Waiwái	[José I. Sampaio]	Mayana Redin	Rubem Valentim	
Arthur Bispo do Rosário	[Emydio Ribeiro]	Guga Ferraz	José Pancetti	[Mestre de Piranga]	Sabatier	
Arthur Timótheo da Costa	Estêvão Silva	Guignard	Juan Gutierrez	Mestre Valentim	Sergio Allevato	
Artur Barrio	Eugênio Latour	Gustavo Dall'Ara	Julio Bittencourt	Mohau Modisakeng	Sidney Amaral	
Augusto Malta	Eugênio Sigaud	Helio Eichbauer		Nelson Pereira dos Santos	Sol LeWitt	
Augustus Earle	Eustáquio Neves	[Heliog & Imp. Lemer cier]		[Mestre de Piranga]	Spode / Copland	
Ayrson Heráclito				Nicola Antonio Facchinetti	Tarsila do Amaral	
Belmiro de Almeida				Nicolas Antoine Taunay	Theodore de Bry	
					Théodore Gudin	

ARTISTAS COMISSIONADOS

ALINE MOTTA

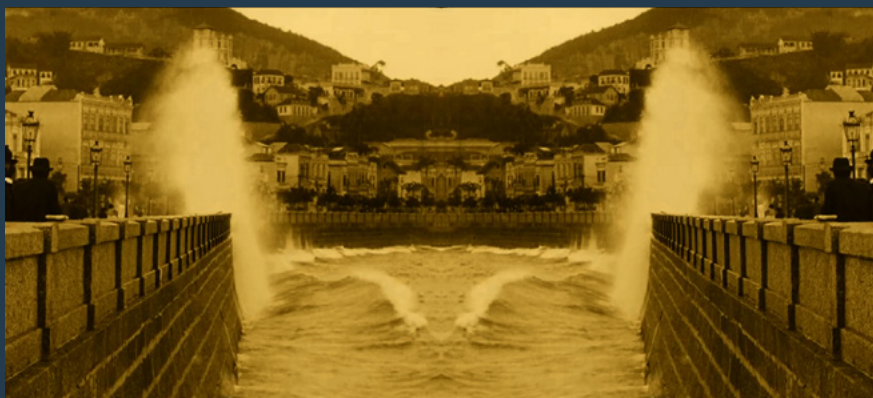
Com imagens capturadas em Lagos (Nigéria), Cachoeira (Bahia) e no Rio de Janeiro, Aline Motta constrói uma narrativa em busca de suas raízes, fazendo crer que a identidade cultural e racial é um elemento em disputa. No vídeo *(Outros) fundamentos*, perspectivas pessoais são entrelaçadas com memórias coletivas, ambas atravessadas por um passado em comum, escravista.

CARLOS ADRIANO

No filme *MarMúrio*, Carlos Adriano cria uma colagem de imagens históricas em que a população do Rio de Janeiro do início do século XX observa a ressaca nas muradas do porto. A movimentação das pessoas desfaz a cena e nos atrai tanto pelo recuo no tempo, com imagens envelhecidas em sépia, quanto pela força do mar que avançava sobre a cidade. O murmúrio, então, se faz como imaginação, com cenas finalizadas pelos versos de Paulinho da Viola, “não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar”.

ALINE MOTTA, *(Outros) fundamentos* [detalhe] ([Other] Grounds [detail]), 2019. Vídeo (Video) | Duração (Length): variável (variable) | Coleção (Collection) Aline Motta

CARLOS ADRIANO, *MarMúrio* (Murmur), 2019. Vídeo (Video) | Duração (Length): 4'54". Coleção (Collection) Carlos Adriano



KATIA MACIEL

Katia Maciel se interessa em relacionar imagens e dispositivos de acesso a paisagens distintas, mares, matas, cidades. Em *Quebra-mar*, a artista cria certo jogo de observação em que a mesma cena, uma onda quebrando na praia, se repete em dez monitores de TV. Com isso, o tempo se divide e cria um efeito de quadro a quadro, como nas precursoras pesquisas em torno do movimento fílmico e fotográfico empreendidas por Eadweard Muybridge.

PEDRO DAVID

Em obras como *Coroa Austral*, *Cruzeiro do Sul*, *Triângulo Austral*, Pedro David fotografa constelações. A imagem que se apresenta cria certo sentido cósmico, em que a profundidade de campo se faz em planaridades. Porém, o artista reforça os desenhos estelares com agulhas e fios ressaltados da imagem. Percebemos, então, que lidamos com o infinito. Estrelas que foram nomeadas pelos povos originários e por europeus ganham desenhos quase figurativos. Desenhos que fizeram com que os invasores chegassem ao Novo Mundo.

REGINA DE PAULA

No filme *Teko Haw-Brasil*, acompanha-se uma performance em que o mapa do Brasil é desenhado no asfalto no entorno do prédio conhecido como Antigo Museu do Índio, onde se localiza a Aldeia Maracanã. O asfalto é retirado paulatinamente até restar apenas chão de terra, onde se inicia um ritual.

KATIA MACIEL, *Quebra-mar* (Sea-break), 2019.
Instalação (Installation).
Coleção (Collection)
Katia Maciel



REGINA DE PAULA E WILTON MONTENEGRO

A situação de grupos indígenas no contexto urbano ganha, cada vez mais, urgência. No filme *José/Urutau/Guajajara*, Regina de Paula e Wilton Montenegro convivem com grupos da Aldeia Maracanã, ocupação na área onde funcionou o antigo Museu do Índio e que se encontra ameaçada de desapropriação. No relato de José Guajajara, somos informados da gravidade da tensão que se impõe em um lugar visibilizado pela vizinhança do estádio do Maracanã e cobigado por um poder público higienista.

ROMANO

A obra *Fui* ocupa a rampa de entrada da exposição. A monossílaba alongada pela voz cria uma sonoridade que só distinguimos ao final, no ditongo, e se assemelha ao som de uma chaminé de navio. Para a exposição, Romano captou sons do porto, criando relações entre o dentro e o fora ao trazer a paisagem sonora do entorno para o museu, criando um ambiente desestabilizador e ao mesmo tempo convidativo para os visitantes.

SUPERUBER

A língua indígena se tornou fragmentária, no Brasil, por genocídios de todo tipo. Em *Sem título*, a empresa Superuber destaca palavras corriqueiras e cotidianas em ruas, bairros e ambientes do Rio de Janeiro, cujas origens remontam ao tupi. Maracanã, Ipanema, Carioca são construídas em projeção tecnológica em que seus significados nos surpreendem e voltam a criar sentidos variados.

REGINA DE PAULA E
WILTON MONTENEGRO
José/Urutau/
Guajajara: 1. Ave
fantasma, 2019. Vídeo
[video] | Duração
[Duration]: 15'3". Roteiro
e direção assistente
[Script and direction
assistant]: Amanda
Devulsky. Edição de
imagem [Image editing]:
Rodrigo Lima e Lucas
Parente. Fotografia
[Photography]: Carlos
Fernando Macedo,
Dário Jurema Xukuru,
Fabiano Araruna, Marcus
Moura, Regina de Paula
e Wilton Montenegro.
Som direto [Direct
sound]: Vitor Kruter.
Coleção [Collection]
Regina de Paula e Wilton
Montenegro





SALA DE ENCONTRO
(MEETING ROOM)

O RIO DOS NAVEGANTES

São muitos os nomes com os quais se pode designar alguém em deslocamento entre países e continentes: viajante, imigrante, turista, refugiado, navegante... Cada um desses nomes traz um sentido distinto para a sua presença, sentido que pode mudar não só através dos tempos históricos, mas segundo a posição de quem nomeia, seu lugar social, econômico ou político. Refletir sobre a mobilidade de diferentes povos e a ocupação de diferentes lugares, hoje, é debruçar-se sobre estruturas, vicissitudes e agruras de um mundo onde atravessar fronteiras torna-se fato utópico e político, muitas vezes seletivamente proibido.

Considerada portal e caixa de ressonância para o Brasil, a cidade-porto do Rio de Janeiro, desde sua criação depois da invasão da Baía de Guanabara pelos portugueses, testemunhou e se constituiu por imigrações e migrações, forçadas ou voluntárias, invasões e confrontos que outrora traçaram e hoje traçam desenhos singulares na construção de sua paisagem física e humana. Povos escravizados, forçados a aqui permanecerem, ou povos que buscaram novas oportunidades de vida, todos trabalhadores submetidos aos processos históricos e políticos deste *lócus*, tornaram-se sujeitos fundamentais dos conflitos, tragédias e maravilhosos da construção identitária brasileira.

O Rio dos Navegantes, constituída como narrativa histórico-poética exposta a atravessamentos e transversalidades de diferentes vozes e tempos que se perpassam e se cruzam, conta e revela, por meio de um grande conjunto de obras históricas e contemporâneas, pinturas, esculturas, fotografias, objetos e documentos, parte de uma história coletada em vestígios e pedaços. Como toda tentativa de ampliar um arco de tempo em que são considerados seis séculos, incluindo os dois primeiros decênios do século XXI, as falhas e ausências de informação e iconografia fazem da exposição uma composição em bricolagem.

O Museu de Arte do Rio, em suas leituras da história da cidade, busca aprofundar seu projeto de se afirmar como observatório dos influxos de informação sobre o território, além de se abrir como espaço de expressão daqueles que constroem o patrimônio material e imaterial da arte e da cultura brasileiras.

Esta exposição resulta de um grande esforço e dedicação de várias equipes que trabalharam na construção de uma leitura trans-histórica de obras e documentos, para que possamos refletir sobre modos de vida que formaram a cidade e continuam a desafiar a interpenetração entre estabelecidos e visitantes, formas de uso e democratização do espaço público, urbanização e ocupação topográfica por detentores de bens ou por construtores autoproclamados. Percebe-se que não existe território sem disputa, e os conflitos, além de geográficos, são também linguísticos, culturais, econômicos e políticos. Em tudo isso, a procura e a vontade de ancorarmos em portos da diversidade, dispendo-nos a conhecer uma história constituída por trocas entre todos os continentes, formando um lugar que ainda busca tornar-se outro: aquele que pertença a todos que o habitam.

EVANDRO SALLES, FERNANDA TERRA,
MARCELO CAMPOS E POLLYANA QUINTELLA